

Daso garante: Centrão ainda conta 298 votos

O deputado Daso Coimbra contestou a versão de que o chamado Centrão tenha entrado em processo de decadência, garantindo que, dos 319 integrantes iniciais, ele ainda conserva 298. Além disso, Daso Coimbra assegura que há dezenas de constituintes que não subscreveram a Constituição do Centrão "e que são centristas enrustidos, votando sempre com a gente."

Daso mostrava as folhas com os nomes de todos os constituintes e a marcação dos nomes em letras vermelhas ou amarelas. Em recente votação perdemos nove, mas ganhamos 12. "Vai ser flutuante, dependendo de cada tema, mas na Ordem Social vamos conseguir aglutinar o grupo," afirmava Daso Coimbra, confiante.

AGLUTINAÇÃO

Daso Coimbra sustenta que o Centrão representa um pólo de aglutinação das forças de centro dentro da Constituinte, o que inviabi-

liza qualquer tentativa de desestruturá-lo. Admite que a campanha comandada pelas esquerdas e a Igreja nos estados intimidou a muitos e provocou defecções, tanto que o grupo caiu de 319 para 298 integrantes formalmente.



Daso Coimbra

— Mas a posição que o Centrão representa é majoritária na Constituinte, como várias votações estão demonstrando. No caso dos crimes de terrorismo e de tortura, fizemos valer a nossa posição. E no capítulo da Ordem Social, tenho certeza de que conservaremos nossa unidade — afirmou Daso Coimbra, lembrando que o centro é posição da grande maioria dos constituintes de quase todos os partidos.

O deputado fluminense observa que muitos não têm coragem de pertencer ao grupo formalmente por causa da imagem que a esquerda construiu em sua campanha. Mas, segundo ele, políticos do Centrão e do Grupo dos 32 têm, em essência, a mesma posição ideológica do Centrão.

— E só observar as votações que eles nos têm acompanhado quase que sistematicamente. Para a frente haverá mais oportunidade de demonstrar essa identidade — disse o deputado fluminense.

Amaral acusa "vagabundos da CUT"

A afixação em São Paulo de mais de 2 mil cartazes, confeccionados por sindicalistas filiados à CUT, com dizeres: "Procurados Traidores do Povo", onde são apontados os nomes de 27 constituintes (12 do PMDB, 6 do PTB, 4 do PDS, 4 do PFL e 1 do PL), provocou ontem, na sessão da Assembléia Constituinte, a imediata reação do deputado Amaral Netto (PDS-RJ). Em um discurso inflamando, o constituinte disse que a Justiça Eleitoral deveria ser acionada para proibir "os vagabundos da CUT de colocarem nossos retratos em cartazes, chamando-nos de traidores e vendidos. Falo isso principalmente a um canalha, como o Sr. Jair Meneghelli, que freqüente essa Casa e vem pedir acordo aqui dentro, quando nos insulta lá fora".

Amaral Netto, após dizer que não tinha meias palavras fez advertência ao presidente da Constituinte no sentido de que, não ha-

vendo, até depois do carnaval, uma solução para o caso, ele colocaria no Rio de Janeiro 50 homens armados e seis cães doberman "para pegar esses vagabundos da CUT, porque vou arrancar com as minhas mãos esses cartazes, onde eles estiverem. E aí de quem venha, porque não tenho idade para enfrentar ninguém fisicamente, mas levarei quem pode triturá-los a todos, à dentada de cão, como eles merecem, ou a pancada de homem, como eles precisam".

Foi, no entanto, o deputado Salim Curiat (PDS-SP) quem primeiro pediu providências à Mesa no sentido de criminalizar a ação dos sindicalistas. "É um total desrespeito, este tipo de ação", disse o constituinte, pois, além dos nomes, os cartazes trazem também os telefones dos apontados". Salim Curiat foi apertado pelo deputado Cardoso Alves (PMDB-SP), que exigiu a imediata

punição dos responsáveis. O carregador Jorge Arbage, presidindo os trabalhos neste momento, prometeu examinar a extensão de denúncia dos parlamentares e informar ao plenário sobre os resultados.

A resposta veio na intervenção de Olívio Dutra (PT-RS) e presidente do Partido dos Trabalhadores, que disse estranhar que a crítica dos movimentos popular e sindical, "legítima e necessária neste momento", possa causar este tipo de reação". Para Olívio Dutra, os constituintes não podem pensar que estão na Constituinte substituindo a sociedade e não representando-a. "Temos mesmo que receber a fiscalização de nossos atos. O povo tem mesmo que estar constantemente pressionando essa Casa. A maioria aqui dentro não é a mesma na sociedade real, portanto, o PT solidariza e apoia a crítica desses movimentos".

colha do novo presidente em 88 serão vitoriosos na Constituinte.

— O tempo está naturalmente contra o mandato de quatro anos. A situação econômico-financeira, infelizmente, não tem solução à vista — disse.

O senador Mário Covas — que concorda com Marco Maciel quanto à inviabilidade de trazer do Capítulo das Disposições Transitórias a duração do mandato de Sarney para a votação, depois do Carnaval, do Capítulo IV do texto permanente — discorda do presidente do PFL, em relação ao prazo para a conclusão dos trabalhos da Constituinte.

— Nós não podemos nem pensar em terminar esse trabalho em junho ou julho. Temos de apressá-lo para promulgar a nova Constituição em abril, se possível a 21 de abril, que é a data de meu aniversário — terminou brincando o líder do PMDB na Constituinte.

Covas acredita que os entendimentos entre as diferentes correntes de opinião na Constituinte permitiram acelerar as votações, como se verificou nos últimos dias. Diante disso, mesmo levando em conta as interrupções ditadas pelos festejos carnavalescos, em fevereiro, e a Semana Santa, em abril, ele acredita que, neste mês, será possível concluir a votação do novo texto para promulgá-lo.

Covas acredita que os entendimentos entre as diferentes correntes de opinião na Constituinte permitiram acelerar as votações, como se verificou nos últimos dias. Diante disso, mesmo levando em conta as interrupções ditadas pelos festejos carnavalescos, em fevereiro, e a Semana Santa, em abril, ele acredita que, neste mês, será possível concluir a votação do novo texto para promulgá-lo.



Maciel

Maciel acha "irreal" votar mandato agora

TARCISIO HOLANDA Repórter Especial

O senhor Marco Maciel qualificou de "irrealista" a sugestão do Palácio do Planalto no sentido de que se conecte a duração do mandato do atual Presidente, das Disposições Transitórias, que só será votada ao final da Constituinte, com o capítulo IV do texto permanente, que trata da Organização do Estado e que será votado depois do Carnaval.

"O presidente da Constituinte só faria uma alteração tão radical e sobre tema tão polêmico se houvesse um acordo de liderança. Com essa hipótese de entendimento está afastada, a proposta não tem a menor chance", dizia o presidente do PFL, ontem à tarde, cercado de jornalistas e políticos no plenário da Constituinte.

SÓ EM ABRIL

Maciel também não acredita na possibilidade de promulgação da nova Carta Constitucional a 21 de abril, como foi aventado pelo presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães. Para ele, o novo texto só estará pronto em fins de junho ou início de julho, se o trabalho ganhar o esperado ritmo com a rapidez que caracteriza as últimas votações.

Segundo um parlamentar da intimidade de Ulysses, o presidente da Constituinte expressa a mesma

EUGENIO NOVAES



Na estréia como líder, Saldanha Derzi critica a atuação da imprensa

Derzi aceita ser apenas porta-voz

O líder do governo no Senado, senador Saldanha Derzi (PMDB/MS), é oficialmente o líder da maioria, mas, na realidade, tudo não passa de uma ficção, como definiu ontem o líder do PMDB, senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB/SP). O único direito que o título concede a Derzi é o de ser reconhecido como porta-voz do governo, expressão com que foi saudado ontem no plenário do Senado.

O Regimento do Senado prevê a figura de líder da maioria — indica representantes nas comissões, tem mais tempo para falar etc — e não a de líder do governo. Como seria difícil eleger Derzi líder da maioria, pois há um distanciamento entre vários senadores do PMDB e o governo, ficou resolvido que receberia o título, mas sem as prerrogativas regimentais.

Fernando Henrique lembrou que, ao ser escolhido pelo presidente Tancredo Neves para exercer a liderança do governo no Congresso, ficou "flutuando", porque não há nada a respeito no Regimento. A designação de Derzi para líder do governo no Senado pelo presidente Sarney teria a mesma consequência prática, ou seja, nenhuma.

Para evitar que isso acontecesse Fernando Henrique e Derzi fizeram um acordo informal: Derzi será o líder da maioria não para exercer esta função, mas para atuar como porta-voz do governo no Senado. As funções regimentais de liderança continuam sendo exercidas pelo líder do PMDB, que detém a maioria do Senado.

Esse acordo é importante, a seu ver, porque o governo precisa ter quem fale por ele no Senado. Como há

uma diferença entre o PMDB, o partido, e o governo repete-se, a seu ver, o drama de Beckett: "A quem vou servir, a Deus ou ao Rei?". "O líder do governo — observou Fernando Henrique — terá de servir ao rei, é líder do rei. O líder do partido não, terá que servir ao partido".

Fernando Henrique fez esses esclarecimentos ontem, em plenário, para caracterizar nos anais as funções de ambos. "O senador Saldanha Derzi foi indicado para ter a possibilidade de ser líder do governo, formalmente. Para haver liderança da maioria é preciso haver maioria. E preciso haver um entendimento claro e isto não existe porque todos funcionamos hoje, em termos de ficções, nesta matéria. E bom que seja assim enquanto esta transição prossegue", afirmou.

Cardoso pede "fim do bate-boca"

O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso (SP), afirmou ontem que há um distanciamento entre o partido e o presidente da República, a quem fez duas sugestões: não declarar mais que não vai nomear, não gastará e prometer moralidade, pois basta que tome estas atitudes, e acabe com esse "bate-boca patético" com o presidente da CNBB para saber quem rouba e quem não rouba".

A comunicação do senador Fernando Henrique foi em aparte ao senador Saldanha Derzi (PMDB-MS), que estrea na tribuna como líder do Governo. Derzi, que de minutos em minutos enxugava o suor, com um lenço branco, exaltou a decisão do presidente da República em combater o déficit público e sua confiança na recuperação política do Governo.

Apesar de ter anunciado no início da semana que não pretendia ocupar a tribuna antes do Carnaval, Derzi, em discurso por escrito, agradeceu a confiança do presidente da República. O Brasil, frisou, está pronto para vencer os grandes desafios atuais, como a modernização científica e tecnológica, integração na economia internacional, erradicar as disparidades e ampliar os direitos individuais e coletivos.

Lembrou que o presidente Sarney determinou, há dias, o cumprimento à risca do orçamento, a contenção dos gastos públicos, conceder maior liberdade à iniciativa privada e combater os focos de corrupção. Solicitou a participação de todos no combate à inflação, que depende muito de fatores psicológicos. Apesar do governo estar vencendo a inflação, o noticiá-

rio a respeito é quase sempre catastrófico, o que a realimenta.

Os jornais, de acordo com Saldanha, preferem fazer estardalhaço em torno de reajustes normais de preços, "dentro de um estapafúrdio critério jornalístico", e publicar análises sobre aumentos da taxa inflacionária, retardando sua queda.

— E desnecessário acrescentar o serviço que essa campanha insidiosa presta ao país, como também é desnecessário ressaltar que o que o Governo reclama é a divulgação, isenta, imparcial da realidade".

ROTINA

Como acontece em sessões de posse ou de estréia em novos cargos, não houve, na sessão de ontem, debates. Derzi, um dos mais antigos senadores, recebeu sucessivos votos de felicidades, elogios à sua amabilidade nas medidas do governo em favor do interesse público. Em contrapartida, exaltou a todos, chamando os aparteados de "amigo" e ressaltando a preocupação generalizada com a Nação.

O primeiro a quebrar essa rotina, mas sempre em tom amável, foi o senador Nelson Carneiro. Ele fez um apelo a que Derzi, que se dispunha a ser um canal entre o Senado e o Governo, prestasse um serviço aos parlamentares: esclarecer de onde partiu, com que propósito, a distribuição da lista envolvendo deputados e senadores como beneficiários do Governo, quando simplesmente defenderam a liberação de recursos para municípios e Estados.

Em resposta, Derzi acenou que a lista, em vez de

denegrir, exaltou os parlamentares que cumpriram com seu dever para com as populações que representam. Ele mesmo deveria estar na lista pois sempre fez pedidos semelhantes no exercício do mandato. O Governo não tinha qualquer interesse nessa divulgação.

Apesar do tom ameno, o senador Nelson Wedekin (PMDB-SC) acentuou que é muito bom haver um líder do PMDB e outro do Governo. São instâncias não incompatíveis, não inconciliáveis, mas dessemelhantes entre si", afirmou Wedekin, que prosseguiu:

Ao saudar Saldanha Derzi, de quem se disse amigo, o líder Fernando Henrique acentuou o distanciamento entre o Governo e o PMDB, onde a crítica flui. A indicação de um líder para o Governo era excelente, porque ficavam bem definidas as funções.

Previu que Derzi sentirá, em pouco, que não existe uma relação normal, administrativa, entre o Gabinete Civil e o Congresso.

Frisou que nunca teve atrito pessoal com o Presidente da República, mas sim uma divergência porque condena "a única preocupação obsessiva dos que estão ligados ao Palácio do Planalto: o período de mandato e o sistema de Governo".

Fernando Henrique reafirmou que é favorável a quatro anos e ao parlamentarismo, tendo declarado isso ao presidente da República. Chegou, em certa época, a ser aconselhado pelo ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães que não falasse a respeito com o Presidente porque ele ficaria zangado, mas comunicou-lhe sua posição claramente.